

A Relação de Ajuda na Teologia Prática

Bispo Dom Fernando Soares

Introdução

Há 30 anos atrás, mais precisamente em Fevereiro de 1974, por altura dum curso de reciclagem na Igreja reformada da Suíça, apercebi-me da tensão existente na altura entre os apoiantes de uma visão mais espiritualista da acção da Igreja e os outros mais virados para a área social, os apoiantes do chamado “evangelho social”. De visita a um centro de internamento para pessoas (crianças e adultos) com problemas do foro neurológico, explicava um pastor já de certa idade, em tom irónico “agora andam para aí a dizer que a Igreja deve preocupar-se com os problemas sociais...”. E juntava um gesto de desaprovação.

Isto é, a Teologia Prática radica numa determinada “leitura” bíblica com as suas consequências comportamentais. Nesse sentido, há quem veja na narrativa da pergunta de Deus a Caim “que fizeste do teu irmão?” (Gen. 4,9) a pedra de toque de todo o significado relacional da vivência religiosa judaica e do cristianismo que se lhe seguiu. Na prova disto podemos referir o texto de Isaías 58, 6-8, no contra-ponto que o profeta faz à religiosidade alimentada por meras rotinas de actos formais: *O jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que transportam, dar a liberdade aos oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos pobres sem casa, vestir os que vives sem roupas, e não voltar as costas ao teu irmão. Então surgirá para ti a alvorada de um dia novo, e ficarás curado rapidamente das tuas feridas. O triunfo caminhará na tua frente e a glória do Senhor atrás de ti.* Como correspondente a este texto, no Novo Testamento, temos a narrativa escatológica do juízo final em S.Mat 25, 31-46. Ainda, em Isaías 61, 1-3, na descrição da missão do profeta: *O espírito do Senhor Deus tomou posse de mim e consagrou-me para levar a*

boa nova aos pobres, para curar os desesperados, para proclamar a libertação dos exilados e aos prisioneiros a liberdade; para anunciar o ano em que o Senhor mostrará a sua boa vontade. O dia em que o nosso Deus se vai vingar dos inimigos, para consolar os que estão de luto; para colocar na cabeça dos enlutados de Sião uma coroa em vez da cinza, um perfume de felicidade em vez da cara triste, um vestido de festa em vez do rosto abatido. Então serão chamados: “Terebintos do Deus Justo, jardim plantado para a glória do Senhor”, a que lhe corresponde, no Novo Testamento, o texto de S.Lucas 4, 18-19. Podemos ver a mesma preocupação, também, no chamado Cântico de Maria ou Magnificat em S.Luc.1, 46-55.

Porém, na minha perspectiva o fundamento bíblico mais claro e profundo sobre a relação entre a fé e a vida encontra-se no Prólogo do Evangelho de S. João 1,14: *Aquele que é a Palavra fez-se homem e veio morar no meio de nós, cheio de amor e verdade. Vimos o seu poder divino, que é próprio do Filho único de Deus Pai* – isto é, a Incarnação. “O Logos eterno, superior ao tempo, entra na história humana com as suas limitações e fragilidades; o Ser divino absoluto une-se ao ser humano contingente.”¹ Assim se relacionam realidades distintas, “verdadeiro Deus e verdadeiro homem”, como se proclama no Credo de Niceia-Constantinopla, mistério sem explicação, fora de toda a compreensão humana.

O Reino de Deus²

Da pregação de Jesus ressalta um tema central: o anúncio do Reino de Deus. Foi exactamente esse anúncio que recomendou aos apóstolos quando os enviou (S.Mat. 10.7).

A palavra “Reino”, de origem velho-testamentária, foi insistentemente usada por Jesus, conforme o atestam as referências dos Evangelhos sinópticos: (S. Mateus – 50 vezes; S. Marcos – 15 vezes; S. Lucas – 39 vezes), enquanto que só cinco vezes no Evangelho de S. João: duas vezes no colóquio com

¹ Rudolf Schnackenburg *E o verbo se fez carne*. Revista *COMMUNIO* nº. 1, (Jan-Fev 2003), pp.25

² Caderno de Iniciação Teológica *mundo, igreja, reino* das Edições Paulistas, tradução de *Monde, Église; Royaume* (Cahiers de ‘La Tourette’, série bleue), tradução de Manuel de Aguiar.

Nicodemos (S.Jo.3) e três vezes no diálogo de Jesus com Pilatos (S. Jo.18). Daqui, o mínimo que se pode concluir é que o Reino de Deus foi uma referência de importância central na pregação da Igreja Primitiva e, dessa forma, foi aceite como elemento fulcral na perspectiva cristã da vida.

Fixemo-nos um pouco neste tema.

Reino quer dizer: Estado governado por um Rei ou Rainha (Reino Unido, Reino de Espanha, da Suécia, etc.), o que pressupõe uma determinada estrutura política em que um(a) soberano(a) assume o governo (reinado) e uma ordem social consequente com um sistema de leis e regras próprias. Mas, então, será que ao anunciar o Reino de Deus, Jesus estaria a anunciar um novo sistema político e social com as suas leis e regras? Esta questão foi levantada de modo explícito por Pilatos a Jesus no diálogo que manteve com Ele antes de o condenar *“Tu és o rei dos judeus?”* Jesus respondeu-lhe inequivocamente: *“O meu Reino não é deste mundo. Se o meu Reino fosse deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu não cair nas mãos das autoridades judaicas. Mas o meu Reino é diferente.”* (S. João 18, 33-36). Também pelos apóstolos na altura da Sua ascensão ao céu, conforme Actos 1,6-8: *“Senhor, será agora que vais restaurar o Reino para o povo de Israel?”* Jesus respondeu: *“Não vos pertence a vocês saber a ocasião ou o dia que o Pai fixou com a sua autoridade. Porém, receberão o poder do Espírito Santo que descera sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, até aos lugares mais distantes do mundo.”* Ou seja, Jesus não quis formar um Reino no modo como o vemos. Antes anunciou uma ambiência, uma realidade existencial que vai de encontro às três perguntas centrais com que os homens se têm confrontado, consciente ou inconsciente em todos os tempos: quem sou? Para onde vou? Com quem vou?

Quem sou? – a procura de uma identidade intrínseca, de uma consciência de si, dum norte na vida que permita o equilíbrio emocional e psicológico, a segurança interior, a base para uma vida com sentido. Numa palavra, a busca de autenticidade, verdade, luz. Nas parábolas s/ o Reino (S. Mat. 13), o Reino é como uma semente, um tesouro, uma pérola, isto é, a plenitude, a felicidade, o crescimento total prometido aos que viverem segundo as Bem-aventuranças

(S. Mat. 5). O Reino é a verdade, a luz, para qualquer vida humana que se deixe tomar por ele.

Para onde vou? – a procura de libertação, um futuro de liberdade. O medo, a insegurança do futuro, o risco do devir, o desespero, que nem o sonho, nem as utopias conseguem ultrapassar. (ex: fotografia do vagabundo alegre e o desespero dos homens da bolsa).

Em Jesus o Reino é algo que está para vir. *Venha a nós o teu Reino*. Mesmo quando está próximo, quando nos atingiu inteiramente (a incontida alegria interior de um acontecimento que nos eleva), não se deixa aprisionar. É sempre futuro (Bem-aventuranças no futuro) e entre os seus sinais estão o *perdão* ou *reconciliação* (Col. 1,20) e o *serviço* (Luc 4,18).

Com quem vou? – a procura de encontro/relação, comunicação/comunhão, unidade. O sentimento de solidão, de que se está só no meio de muitos. Em Jesus, o Reino é uma ambiência, uma *realidade colectiva* (o festim com pessoas bem e mal vestidas, o campo com joio e boa semente, a rede com peixes de boa e má qualidade) onde se quebra a carapaça do egoísmo e se aceita a solidariedade e o encontro sem exclusões (*amai os vossos inimigos*).

Em resumo, o Reino anunciado por Jesus é uma realidade que se situa ao nível das motivações e dos novos significados que dá aos factos e à vida. Introduz-nos na ambiência da verdade pela luz que nos traz a revelação e a fé; leva-nos à ambiência do porvir, pela promessa e pela esperança, e convida-nos à relação com o Outro na comunidade pela atenção e o amor.

Quando Jesus desapareceu da vista dos homens, o que é que deixou como o fruto do Seu Ministério? Não um credo devidamente formulado, não um conjunto de escritos expondo nova filosofia de vida, mas, isso sim, um grupo de homens e mulheres que se viram unidos numa relação fraterna, muito para além do que até aí pensavam, e que se tornou o núcleo de toda a Igreja Cristã. Essa comunhão expandiu-se e tocou muita gente de todos os tipos, de todas as nações, de todas as classes sociais. Perceberam que quanto mais fossem leais ao propósito da comunhão e se submetessem à acção do Espírito, mais desapareciam as razões e as circunstâncias que os separavam (Ga1.3,26-29): não havia nem judeus nem gentios - a mais profunda das divisões baseada na história da religião; não havia gregos nem bárbaros - a mais profunda das divisões baseada na educação e cultura; não havia escravos nem livres - a mais profunda de todas as divisões baseada na situação económica; não havia homem e nem

mulher - a distinção dos sexos no qual ainda radica toda a construção social. Como disse William Temple, um dos mais famosos Arcebispos de Cantária, “todo o grupo constituía uma só personalidade, porque era governado por um espírito e um propósito, sendo este o que unifica a personalidade.”³ Ora, esse propósito que unifica fundamenta a relação interpessoal e a construção do Reino.

Ora, no meu ponto de vista, é neste sentido, à luz da perspectiva do Reino, que se pode entender a relação de ajuda, tema deste nosso encontro.

A relação de ajuda

A relação de ajuda começa, antes de tudo, com a consciência do outro.

Ouve-se dizer frequentemente que hoje “se fala muito mas se comunica muito pouco”. Por outras palavras, fala-se muito para expor argumentos próprios, mas não existe nem tempo nem disposição para ouvir os argumentos dos outros. Isto é, pensa-se os outros à luz dos referentes comportamentais, culturais e de pensamento próprios e, desta forma, mantém-se uma profunda incapacidade para perceber diferenças e viver com as diversidades. Na realidade, uma verdadeira comunicação implica a tomada de consciência dos nossos preconceitos, das nossas visões, dos nossos estereótipos – “o imaginário é mais real do que o próprio real” Edgar Morin – e, daí, avançar para a abertura ao outro e às suas diferenças.

Não é exactamente isso que Jesus nos quer dizer com a parábola do Bom Samaritano? É que a relação de ajuda só começa realmente com uma atitude que, começando na descoberta e conhecimento do outro, leve à aceitação da sua diferença.

Os temas “outro” e “diferença” causam-nos medo ou tentamos ignorá-los. Falar do “outro” é ter consciência de que a diferença é problema, muitas vezes assustadora, mesmo alienante (caso dos imigrantes, dos partidos da extrema direita na Europa, de certas expressões religiosas que têm aparecido no nosso País), outras, desconfortante (caso dos ciganos há tempos, em certas zonas do nosso País). E esta questão passa-se também nas nossas Igrejas, onde co-existe uma grande diversidade de pessoas, de culturas e de esquemas de pensamento que tentam viver em comunhão.

³ William Temple; *Christian Faith and Life*. Morehouse Publishing, Harrisburg, England, pp.124 e 125

Nesta descoberta do outro constatamos que nenhum de nós tem a verdade toda - esta só é e está em Cristo - que existem outras matizes e nuances da verdade que está em Jesus, e preparamo-nos para compreender o ponto de vista do outro.

Detenhamo-nos por alguns momentos em duas questões fulcrais a ter em conta na compreensão do outro: identidade, situação económica e social.

A Identidade⁴

A identidade é uma característica essencial ao ser humano, pois confere-lhe o “sentido de pertença”, tão fundamental ao seu equilíbrio social e psicológico, e determina a sua relação existencial com um conjunto de valores de ordem cultural, linguística e religiosa que o diferenciam do outro. Não depende de uma vontade pessoal mas de uma certa hierarquia de pertenças que pode mudar com o tempo e as circunstâncias e provocar modificações comportamentais. A identidade decorre de uma dada situação humana tal como o pertencer a uma raça, a uma tribo, a uma nação, a uma religião ou igreja, usar uma língua, expressar uma cultura, etc. Não há nada intrinsecamente errada nela. No entanto, pode causar problemas quando, de mera razão identificativa, as suas componentes - a nacionalidade, a raça, a religião - passam a ser barreiras no relacionamento com os outros e são usadas para justificar conflitos. Como escreve Amin Maalouf *“A ‘identidade’ começa por reflectir uma aspiração legítima e torna-se subitamente um instrumento de guerra”*⁵ E como é isto possível? Na medida em que o nosso modo de ver as identidades dos outros pode exacerbar o seu radicalismo e até fazer renascer circunstâncias já adormecidas no pó dos tempos como meio de explicitar uma “pertença”, uma estabilidade emocional, uma afirmação pessoal. Recordo-me bem do tempo da minha adolescência, quando ao ser invectivado pelos meus colegas de escola face à minha condição de “protestante”, responder quase com um grito que se me escapava do fundo do coração: “sou protestante com muita honra”. Na

⁴ Fernando Soares in “Ecumenismo: contributo valioso para a paz”, Dois mil anos: Vidas e Percursos, Edições Didaskalia, Lisboa 2001, pág. 231 e seg.

⁵ Amin Maalouf “As identidades assassinas” Difel, Difusão Editorial, SA, Algés, 1999, Pág.43

realidade, “*é o nosso olhar que aprisiona muitas vezes os outros nas suas pertenças mais estreitas e é também o nosso olhar que tem o poder de os libertar.*”⁶

Acresce, ainda, que em nós pactuam diversas identidades, pertenças múltiplas, que enfatizamos conforme o desafio a que a cada momento estamos sujeitos. Por exemplo, um cidadão português, à pergunta “quem é o senhor?” hierarquizará as suas pertenças referindo em primeiro lugar aquela que melhor responda à intenção que pressinta no seu interlocutor: se um estrangeiro - responde que é português; se um religioso - diz logo qual é a sua igreja; se um natural da região diferente da sua - diz que vem de outra. Quer isto dizer, que em nós perpassa uma intercontextualidade de identidades que se podem degladiar na medida dos factores de risco em presença. Ao analisarmos a história dos conflitos do nosso mundo confirma-se que nenhuma pertença identitária permanece de modo absoluto, antes, o resumo da identidade de cada pessoa eleger a sua pertença que se encontre ameaçada como o principal factor da sua identidade e por ela alinha em aventuras, faz loucuras, dá a vida. Por isso, referindo de novo Maalouf *“Se os nossos contemporâneos não forem encorajados a assumir as suas pertenças múltiplas, se eles não puderem conciliar a sua necessidade de identidade com uma abertura franca e descomplexada a culturas diferentes, se eles se sentirem constrangidos a escolher entre a negação de si mesmo e a negação do outro, estaremos a formar legiões de loucos sanguinários, legiões de alucinados.”*⁷

Jesus - presença visível de Deus - incarnou numa data cultura, numa sociedade específica num certo lugar e numa certa época. Isto é, a revelação em Cristo foi culturalmente determinada por uma identidade própria. Porém, nunca o Senhor pôs em causa outras culturas e identidades. Veja-se a maneira gentil como dialoga com a Samaritana - que começa por hostilizá-lo por Ele ser judeu - e ainda como privilegia este povo inimigo fidagal dos judeus nas suas histórias e ensino (caso do bom samaritano). Ainda, na chamada grande comissão, envia os Apóstolos a todo o mundo. Isto é, a sua mensagem e a sua

⁶ Amin Maalouf, obra citada, pp. 31

⁷ Idem, pp. 46

salvação destina-se a todas as culturas. Por isso, na descrição da vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos, na festa do Pentecostes, capacita-os para “falar noutras línguas” (Actos 2,4) e, assim, chegarem às diferentes culturas e identidades linguísticas das pessoas - “*todos nós os ouvimos nas nossas próprias línguas falar das coisas maravilhosas que Deus tem feito*” (Actos 2.11). E isto é de tal modo assimilado por eles que (Actos 15), quando se levanta a questão dos conversos não-judeus deverem ou não submeter-se à lei mosaica, verifica-se que a atitude dos Apóstolos em relação à cultura desses conversos gentios navega entre a não total aceitação e a não recusa absoluta - “*o Espírito Santo e nós resolvemos não vos impor mais nenhuma obrigação, além destas que são mesmo necessárias: não comem carne de animais oferecidos aos ídolos, nem sangue, nem carne de animais estrangulados nem pratiquem a imoralidade.*” (Actos 15,28-29). Assim, mostram o cuidado pastoral pela cultura dos novos ingressos no cristianismo e, com respeito devidos aos outros, procuram transformá-los conformando a sua cultura a Cristo (questão da poligamia em África). Repare-se, ainda, que a visão do Apóstolo S. João sobre os últimos tempos - “... *vi uma tal multidão, impossível de contar. Eram de todas as nações, tribos, povos e línguas.*” (Apoc.7,9) - mostra-nos que as peculiaridades de cada cultura humana permanecerão e serão respeitadas mesmo no fim dos tempos.

Situação económica e social

Sabemos bem como se tem, alargado o fosso de separação entre pobres e ricos, numa dinâmica devastadora de todo o espírito de justiça económica e de repartição equitativa de rendimento entre as pessoas. Surge assim uma onda de profunda frustração entre aquelas e aqueles que ao longo de décadas se devotaram a um trabalho árduo de luta contra a pobreza e em prol dum processo de justiça igualitária no processo produtivo e no sistema económico vigente. Estamos perante aquilo a que se chama um “destino de calamidade” pois ao fim e ao cabo de tanto se procurar fazer para mudar a situação conclui-se que os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres não só cresceram em número como estão cada vez mais pobres, devotados a um ostracismo e dependência de “esmolas” sociais que eternalizam a sua condição de pobres. É assim entre continentes, entre países, é assim entre pessoas do mesmo país, o que faz com

que no final do século XX mais de um bilião e quatrocentos milhões de pessoas vivam em situação de pobreza extrema. E a piorar esta situação temos o desenfreado desenvolvimento tecnológico que à partida limita e discrimina os menos hábeis e menos preparados entre os pobres do mundo, relegando-os para uma indigência endémica sem retomo.

Por outro lado, a globalização, demasiado rápida em relação ao passado, com regras diferentes ou mesmo com ausência de regras, contribui para uma nova situação de dificuldade para os pobres. Kofi Annan, Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, escreveu há tempos: *“A globalização oferece-nos mais opções e novas oportunidades de alcançar a prosperidade. Permite-nos conhecer melhor a diversidade mundial. Todavia, milhões de pessoas no mundo inteiro vivem a globalização não como um factor de progresso, mas sim como uma força demolidora, quase como um furacão humano, capaz de destruir vidas, empregos e tradições. Muitos sentem uma necessidade premente de resistir ao processo e de se refugiar no conforto ilusório do nacionalismo, do fundamentalismo ou de outros ‘ismos’”*.⁸

Eis uma situação de instabilidade entre os povos e no seio de cada povo que é ameaça natural e permanente à paz. Tenha-se em conta os diferentes modos, todos ilegais, que tantos milhares de pessoas usam para entrar nos países considerados ricos à procura da prosperidade a que também têm direito e que lhes é negada pelas degradantes condições de vida nos seus países de origem. Entretanto, as sociedades dos países de acolhimento movimentam-se no sentido de sustentar e mesmo expulsar os imigrantes considerando-os ameaça aos seus empregos e gente mal querida e fonte de todos os conflitos. Estão aí os novos movimentos políticos fundados na exploração desta onda de descontentamento.

Neste processo de descoberta do outro, os cristãos são chamados a viver a cultura da sensibilidade e o respeito pela diferença, a viver respeitosa, amorosa e criativamente no meio da diferença, em comunhão com o outro. Então, somos impelidos a olhar o outro, o diferente, face-a-face, a vê-lo como um autêntico reflexo da imagem de Deus, enquanto e ao mesmo tempo, vemos a nossa própria

⁸ Annan Kofi - *Público*. (26/12/1999)

imagem nele. Vendo o outro e deixando-o ver-nos somos levados a ouvir a sua história, por muito diferente que seja da nossa ou mesmo que evoque memórias dolorosas. Assim, partilhamos da natureza pessoal de Deus, pois, o nosso Deus que está em relação com cada um de nós requer de nós que estejamos em relação com o outro. Na realidade fomos feitos para a relação com Deus, connosco próprios, com os outros e com a criação, e a qualidade do nosso relacionamento é a pedra de toque para um procedimento ético.

A perspectiva escatológica

Mas, pelo que atrás refiro, até parece que a relação de ajuda só se faz numa direcção. Por isso, gostaria de referir aquilo a que chamo a “perspectiva escatológica” da relação interpessoal.

Não podemos nunca esquecer que a natureza da Igreja só pode ser entendida correctamente à luz de uma dupla perspectiva, a missionária e a escatológica.

A escatologia, como doutrina teológica, é um modo de crer firmado num “olhar” antecipado, numa “percepção” interior, que, à luz da fé, o cristão experimenta em relação ao cumprimento definitivo de um acontecimento existencial. Não é um “sonho” que esperamos realizar, não. É algo que sabemos pela fé que se realizará num futuro, e que antecipamos como estando já a conseguir-se. E, assim, como um ser e ainda não ser, um termos o Reino de Deus e ainda continuarmos na sua busca, um modo de assumirmos um futuro no presente, sabendo que o futuro definitivo é desígnio de Deus, pelo que não podemos supor nem o quando nem o como vai acontecer.

Ora, esta consciência do ‘ser e ainda não ser’ da fé leva-nos a viver na esperança e a assumir a vulnerabilidade na nossa vida. Quer isto dizer, que mesmo os crentes - e quanto mais o forem - são chamados a ter consciência de que são também pessoas de necessidade e precisados de uma vivência espiritual intensa. Como podemos ter consciência das necessidades dos outros se não formos capazes de nos olharmos como pessoas com necessidades, como é possível dar atenção à espiritualidade dos outros sem um mínimo de preocupação com a nossa própria relação com Deus? Onde vamos encontrar forças para toda a paciência que é necessária numa verdadeira relação de ajuda? Como podemos conseguir a capacidade de aceitar e conviver com as dificuldades da

relação humana e, em particular, para ajudar sem esperar recompensa, senão através de uma fé inabalável em Jesus que gera esperança e firmeza de coração?

A relação de ajuda entre pessoas requer a apropriação pessoal da realidade divina, ligada à salvação, à perpetuação da existência, à procura de eternidade e de infinito, e traduz-se por comportamentos e atitudes de sacrifício que até por vezes estão para além do próprio consciente do indivíduo. Ora, essa vivência espiritual pode transformar vidas e corações. Todos temos conhecimento de casos, experiências, em que, contra o que poderíamos esperar ou compreender, foi possível ver alguém feliz mesmo em horas de sofrimento e escuridão.

Termino como comecei, com uma história.

Há alguns anos atrás, a convite da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, um grupo de pessoas da Igreja Lusitana, entre as quais eu próprio, visitaram o estado de Vermont, ao norte de Nova York, junto à fronteira com o Canadá. Entre muitas coisas que nos proporcionaram visitámos um museu onde se podem ver as carruagens e todos os utensílios usados pelos primeiros exploradores e conquistadores daquelas terras vindo do exterior, particularmente das ilhas Britânicas, no tempo do “farwest”. Numa área desse museu havia uma série de berços para bebés, das mais diversas espécies e feitios. Fiquei surpreendido ao ver uns berços que pelo seu tamanho já não seriam para bebés, mas me pareceram mais canastras com que as padeiras do meu tempo de menino distribuíam o pão pelos seus clientes. Mas não era possível, dizia eu para mim, pois aquelas eram de madeira, muito pesadas para serem levadas à cabeça. Perguntei para que teriam servido tais objectos. A resposta, com um sorriso, surpreendeu-me: eram berços-camas para adultos doentes que se colocavam nas amplas cozinhas / salas de estar daquele tempo para que os doentes estivessem sempre acompanhados e nunca se sentissem sós.

Conclusão

A Relação de Ajuda na perspectiva do Reino de Deus é um estado de permanente abertura ao outro num contexto da sua aceitação como parte do mesmo Reino, seja o marginalizado pela sua raça/nacionalidade, língua ou religião, o drogado, o doente, o idoso, desempregado, ou outra qualquer situação. É este ambiente de abertura que permite uma verdadeira cultura de

solidariedade, de diálogo, de tolerância e reconciliação. E em tudo isso está Jesus, o sofredor que redime, o ressuscitado que alegra, o Senhor no céu que nos espera e certamente perguntará: “que fizeste tu do teu irmão?”.

Nota: As citações bíblicas referem-se à Tradução Interconfessional em português corrente da BÍBLIA SAGRADA, editada pela Sociedade Bíblica de Portugal e pela Difusora Bíblica.